
Cronologia e dinâmica entre práticas funerárias de onze Sambaquis do Paraná e Santa Catarina (4951 - 3860 AP)

Filipi Gomes de Pompeu

Doutorando em História e membro do Laboratório de Arqueologia da PUCRS

E-mail: filipi.pompeu@gmail.com

Recebido em: 14/07/2016.

Aprovado em: 25/01/2017.

Resumo: Este trabalho se dedica a apresentar os resultados atualizados da dissertação defendida pelo autor em 2015. Ele contém uma sistematização e pesquisa por padrões funerários em treze sambaquis do litoral dos estados de Santa Catarina e Paraná entre 4951 e 3860 AP, abrangendo as baías de Paranaguá/Guaraqueçaba (Paraná) e da Babitonga (Santa Catarina). A partir da definição de associações entre práticas mortuárias distintas, relações sociais e trocas simbólicas puderam ser exploradas. A paisagem construída ressalta um litoral comunicante e religioso, com interesses se desenvolvendo nas atividades funerárias extragrúpis e que apontam, necessariamente, para uma dinâmica cultural intensa.

Palavras-chave: Sambaqui, Práticas funerárias, Padronização, Paraná, Santa Catarina.

Chronology and Dynamics Among Funeral Practices of Eleven Sambaquis of Paraná and Santa Catarina (4951 - 3860 AP)

Abstract: This document dedicates itself to present the final results of a dissertation published by the author, in 2015. It contains a systematization and research for funerary patterns in thirteen sambaquis from the coastal shores of Santa Catarina and Paraná States between 4951 and 3860 BP, embracing the Paranaguá/Guaraqueçaba Bay (Paraná) and the Babitonga Bay. From the definition of associations between distinct funerary practices, social relations and symbolical exchange could be explored. The constructed landscape reiterates a communicant and religious coastal occupation, with developing interests in extragrupal funerary activities which points towards intense cultural dynamics.

Keywords: Sambaqui, Funerary practices, Patterning, Paraná, Santa Catarina.

1 Introdução

Nos estudos sobre sambaquis no Brasil, as práticas funerárias são um traço que pouco tem recebido atenção – diferente do tema da bioantropologia dos esqueletos. Apenas recentemente (SILVA, 2005, KLOKLER, 2008) o estudo das práticas mortuárias tem sido abordado com propriedade, com uma maior potência sobre seus termos comparativos e/ou inerentes. Dentro desta perspectiva, com consciência da ausência de estudos similares, e amparado por numerosas exumações publicadas entre as décadas de 1960 e 1980, foi tentada uma aproximação entre as evidências funerárias dos sambaquis do litoral de Santa Catarina e Paraná, exprimindo um foco no processo diacrônico (POMPEU, 2015). O objetivo é produzir uma pequena síntese histórica da dinâmica e mudança deste trato ao longo do tempo, influenciado pelas pesquisas que inferem os sambaquis como cemitérios propriamente ditos, construídos com este intento (FISH et al, 2000; KLOKLER, 2008; GASPAR, 2000).

1.1 Metodologia e Amostragem

Os sambaquis a serem selecionados para a pesquisa deveriam possuir três características básicas: uma datação radiocarbônica, de preferência realizada sobre carvão; descrição pormenorizada dos sepultamentos que contém; e ausência de evidências cerâmicas no nível estratigráfico ao qual pertencem os sepultamentos. Tal formação se deve aos elementos essenciais para a construção de uma linha do tempo das práticas funerárias, que por si já delimitariam uma quantidade aceitável de publicações (e sítios referentes) que cumprissem com os requisitos. É tácito lembrar que este estudo é construído a partir de uma revisão bibliográfica oriunda do material publicado sobre os sítios e seus sepultamentos; refutações, correções, questionamentos e exegeses sobre os dados consultados dependem de observações *in loco*, alheias ao esforço realizado, salvo em raras exceções. Um total final de onze sítios foi obtido; sendo seis no Paraná¹ e cinco em Santa Catarina² – a nível de sepultamentos, 166³ indivíduos foram contabilizados. Inicialmente, a linha do tempo foi seccionada em dois períodos, intercalados por um momento

de ausência de amostras. Assim, apenas o primeiro período, com mais sítios e, conseqüentemente, datações, foi aqui explanado (mais sítios e sepultamentos são utilizados na dissertação). Os mapas 1 e 2 pontuam os sambaquis no espaço; já a tabela 1 mostra as datações utilizadas⁴:



Mapa 1 – Baía de Paranaguá/Guaqueçaba, litoral setentrional do Paraná. Retirado de Pompeu (2015, p. 71).



Mapa 2 – Baía da Babilonga, Norte de Santa Catarina. Retirado de Pompeu (2015, p. 108).

Tabela 1 – Datações e sambaquis selecionados

Sítio	Datação	Profundidade	Tipo de Amostra	Nº de Série	REFERÊNCIA
Cubatãozinho	4760 ± 80	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	FOSSILE, 2014, p.
Godó	4740 ± 95	Indeterminado	Indeterminado	SI-1029	RAUTH, 1974a, p. 104.
Godó	2980 ± 130	Indeterminado	Indeterminado	SI-1026	RAUTH, 1974b
Gomes	4490 ± 136	Unidade A	Carvões	P-540	RAUTH, 1968, p. 44.
Gomes	4887 ± 64	“Níveis inferiores do sambaqui”	Carvões	P-916	RAUTH, 1969a, p. 86.
Guaraguaçu B	4128 ± 268	Camada IX na base do monte B”	Carvões	Gsy-79	LAMING-EMPERAIRE, 1968, p. 94.
Enseada I	3920 ± 40	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	BANDEIRA; OLIVEIRA; STEINBACH, 2010, p. 28.
Morro do Ouro	4030 ± 40	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	BANDEIRA; OLIVEIRA; STEINBACH, 2010, p. 28.
Porto Maurício	4760 ± 80	2m	Indeterminado	SI-508	RAUTH, 1968, p. 44.
Porto Maurício	4640 ± 80	0,25cm	Indeterminado	SI-504	RAUTH, 1968, p. 44.
Rio Pinheiros	4580 ± 120	“do que resta da base do sítio, em sua base central (poucos cm de espessura) »	“coquinhos”	“Universit� de Bahia”	P I A Z Z A , PROUS, 1977, p. 82
Rio São João	4810 ± 100	Indeterminado	Indeterminado	SI-1023	GARCIA, 1979, p. 23.
Squarema	4320 ± 62	6,8m	Carvões	P-587	HURT, 1964, p. 29.
Squarema	4077 ± 62	2m	Carvões	P-586	HURT, 1964, p. 29.

Fonte: Retirado e adaptado de POMPEU, 2015, p. 131-132

Raramente as datações possuem consonância com a localiza o horizontal ou vertical dos sepultamentos – na verdade, na maior parte dos casos, apenas existe uma data o corrente para o sítio. Quando são descritas camadas estratigráficas datadas com sepultamentos (sítios com mais de uma data o), a rela o espaço-tempo   também realizada, com as ocupa es sendo nominadas de acordo com a ordem alfabética.

Em caso negativo, o sítio é tomado como um todo. Nenhuma datação está calibrada.

Os sítios datados tiveram suas datações calculadas em suas flutuações máximas e mínimas, pertencendo os sepultamentos a estes intervalos, que foram ordenados em uma linha do tempo. Esta linha do tempo privilegia processos de desenvolvimento das práticas funerárias conforme cada duas datas geradas por datação, calculando a variação do sigma para mais e menos. Os sepultamentos pertinentes aos seus respectivos intervalos tiveram suas variáveis somadas de acordo com sua proveniência estratigráfica – quando esta informação estava disponível.

Para analisar os sepultamentos entre si, três medidas foram necessárias: a primeira, foi ordenar os sítios de acordo com sua datação; a segunda, consistia em contabilizar os sepultamentos e suas características dentro da variação calculada de cada datação; e a terceira, avaliar os sepultamentos entre si dentro desta ordenação. Deste modo, foi necessário propor conceitos para as diferentes características que compunham os sepultamentos, tornando-os comparáveis entre si. Esses conceitos intitularam-se como variáveis. Pormenores particulares serão tratados na descrição de cada variável.

Cova: especificamente nos sambaquis tratados, foi considerada a escavação de uma cova quando é detectado o rompimento das camadas estratigráficas inferiores ao nível de onde a escavação principiou, embora existam evidências de coberturas sobre as covas como as marcas de estaca no sambaqui de Jaboticabeira II – assim como entre outros sambaquis (PROUS, 1992, p. 211-212; KLOKLER, 2008). Em nossa pesquisa, alguns arqueólogos (RAUTH, 1968, p. 31) procuraram demonstrar a existência de covas, enquanto outros jamais pareceram procurá-las (PIAZZA, 1966, p. 14-16) ou sequer tiveram a oportunidade de observar a evidência (TIBURTIUS; BIGARELLA; BIGARELLA, 1954, p. 142-143). O formato, elaboração técnica e profundidade são noções irrelevantes para se detectar uma cova nesta pesquisa.

Mobília Funerária: de um modo teórico, tudo o que é colocado de modo intencional dentro da cova, acompanhando o indivíduo, é móvel funerária. Dentro dessa ampla delimitação, se enquadram desde zoólitos a restos de festins (KLOKLER, 2008) etc. Em geral, a pesquisa se ateve ao que foi tratado pelo pesquisador consultado como móvel funerária.

Do ponto de vista da compilação dos dados, as variáveis não se somam: se um indivíduo com pingente de dente de tubarão (um adorno) associado a núcleos ferruginosos (ocre) não possuir mais nenhum acompanhamento, mobília funerária não se aplica. Já um indivíduo sepultado com “três zoólitos, três seixos polidos, quatro batedores cilíndricos, oito quebra-cocos, nove dentes serrados de capivara, dez polidores, duas pedras corantes e três ossos apontados de mamíferos” (TIBURTIUS, 1996, p. 82) corresponde a apenas uma presença simples de mobília funerária e um caso de ocre (pelo conjunto de pedras corantes). A espacialidade das mobílias funerárias dentro da cova, em relação ao cadáver, foi desconsiderada pelo alto número de permutações possíveis.

Ocre: o óxido de ferro (FeO , Fe_2O_3), é um composto natural, encontrado em blocos nas areias das praias sob a forma de concreções formadas pela umidade da maresia litorânea. Há autores que o associam a sepultamentos em sambaquis (LIMA, 2000; ORSSICH, 1977). Se reduzido a pó e misturado à água, produz um pigmento persistente e opaco, avermelhado. Nos sepultamentos em sambaquis, ele costuma surgir sob duas formas: em nódulos esfregáveis, ou aspergido em forma de pó sob o corpo (ou partes dele); ainda pode aparecer nas camadas superiores ao sepultamento e também como blocos argilosos. Em nível de aplicação neste trabalho, se for detectado qualquer traço de ocre relacionado à cova (dentro ou fora dela, uma vez que citado pela fonte em relação ao sepultamento), podemos dizer que o ocre é presente.

Estendido: se refere ao modo de deposição do cadáver na cova. No caso, os ossos das pernas necessitam estar próximos ao ângulo de 180° um do outro. A posição dos braços deve ser paralela ou dobrada anatomicamente, próximos ao corpo. Não foi registrado o tipo de decúbito⁵ pois aumentaria muito o número de variáveis a serem consideradas, impedindo resultados mais claros.

Fletido: no caso fletido, os ossos das pernas necessitam estar próximos ao ângulo de 120° a até 10° com relação ao eixo da coluna vertebral. Igualmente, a posição do corpo deve possuir uma aparência análoga à de um feto humano. Alguns autores (BECK, 2007; MENEZES; ANDREATTA, 1971; RAUTH, 1968), usam a nomenclatura semi-fletido que Ubelaker considera como sendo entre 90° e 180° do eixo do corpo (1984, p.15). Aqui a assimilamos dentro da prática fletido, que entendemos como o ato de flexionar (d)as pernas.

Assim, sob um procedimento em prol da objetividade, se as pernas estão fletidas, não estão estendidas.

Combustão: esta prática esteve presente de muitas formas nos sepultamentos de sambaquis. Às vezes, eram apenas cinzas espalhadas (talvez enquanto ainda acesas?) por sobre o cadáver, ou por sobre uma fina camada de sedimento que o cobria. Mas, também podiam ser fogueiras de área respeitável, acesas por cima de uma breve camada de conchas, quase diretamente sobre o cadáver. Combustão não é uma cremação completa, mas parcial; os ossos devem apresentar evidências de queima.

Adornos: são artefatos confeccionados em osso, concha e pedra, interpretados pelos autores consultados com o propósito de ornamentação. Há uma certa preferência por presas de animais, mas também ocorre em conchas de espécies incomuns do litoral e plaquetinhas de pedra. Nos sambaquis, é mais provável que adornos sejam encontrados em forma de pingentes ou pequenos colares, mas existem grandes conjuntos de contas que representam peças muito elaboradas (BECK, 2007; TIBURTIUS, 1996; KLOKLER, 2014).

Múltiplo: quando os restos de dois ou mais indivíduos forem descritos partilhando a mesma cova. Sepultamentos múltiplos são raros nos sambaquis desta análise e, embora sejam pontuais, em alguns sítios há muito mais covas individuais do que coletivas. Como a informação foi levantada para cada indivíduo, o total final não se refere ao número exato de covas do sítio em questão.

A **Orientação Geográfica** sofre com a carência descritiva a ponto de estar desfigurada: poucos pesquisadores informaram a orientação geográfica dos mortos, e, mesmo assim, não parece existir um consenso nos sítios consultados. Logo, não foi considerada.

Existem outras características associadas aos mortos que influem nos ritos e tratativas mortuárias, assim como certamente representavam condições específicas para relações sociais quando ainda em vida. Nos referimos às faixas etárias e aos gêneros biológicos – e a estes conceitos chamamos de categorias.

Faixas Etárias: aqui, foram adotadas apenas “adulto” e “criança”, que são rapidamente distinguíveis pelo tamanho de seus esqueletos e são relativas à noção antropológica do rito de passagem para a vida adulta (VAN GENNEP, 2014), um traço presente na maioria de todas as sociedades conhecidas. Essa relação é baseada na dualidade entre adultos/idosos e crianças, de um modo geral. Acreditamos que

os povos sambaquieiros provavelmente utilizavam essa distinção, e, por isso, a aplicaremos na metodologia desta pesquisa.

Gêneros Biológicos: se refere à definição sexual biológica do indivíduo. As mesmas críticas sobre o estado de conservação e a metodologia carente utilizada pelas fontes primárias em adulto e criança se aplicam aqui. Do total de 212 indivíduos apenas 15,5% (32) foram efetivamente distinguidos entre este ou aquele gênero biológico. 9 dos 13 sítios avaliados possuem ao menos um indivíduo sexado, mas apenas um sítio (Guaraguaçu) possui mais do que 4 sexagens. Isto provocará grandes distorções na hora de considerarmos possíveis distinções sociais partindo dos gêneros biológicos. Contudo, apesar da baixa representatividade, consideramos necessária a inclusão destas categorias para obtermos alguma possibilidade de inferência quanto ao relacionamento e representação funeral de ambos os sexos biológicos. Todas as conclusões derivadas do estudo dos gêneros biológicos, portanto, devem ser postas em debate e consideradas quanto ao seu nível de representação amostral.

1.2 Discussão

Cada variável foi considerada e cruzada com as categorias, dentro de ambos os períodos. Logo, cada uma será apresentada individualmente, por período, a seguir.

Cova

Como a cova não foi necessariamente observada em todos os sítios escavados, a relevância de sua presença ou ausência é questionável, assim como seu peso na delimitação de padrões funerários. As covas infantis por vezes eram fossas culinárias aproveitadas como tal (RAUTH, 1968; MENEZES; ANDREATA, 1971 p. 142). 26,8% das pessoas do período tratado estavam sepultadas em covas (44 casos); destas, 20,1% eram adultos (33 pessoas) e apenas 2,4% eram crianças (4 pessoas). Homens biológicos representavam 6,7% do total populacional (11 pessoas) e mulheres biológicas, 3,6% (6 pessoas).

Mobília Funerária

A mobília funerária soma 59,7% do total de pessoas sepultadas na época – 98 casos. As faixas etárias estão representadas dentro

deste total com 27,3% de adultos (39 pessoas) e 7,3% de crianças. Homens e mulheres biológicos respondem por baixas frações do total populacional do período – 4,2% são homens biológicos (7 pessoas) e apenas 1,8% são mulheres biológicas.

Ocre

O ocre foi utilizado em 29,8% (49 usos) do total de sepultamentos realizados. A tintura está presente junto aos cadáveres de 18 adultos (10,9% do total de exumados do período), 11 crianças (6,7%), 4 mulheres biológicas (2,4%) e 2 homens biológicos (1,2%).

Combustão

A combustão parece uma prática mais ou menos disseminada com 44,5% de representatividade na população total do período. Os adultos são a maior fatia a ser relacionada com evidências de combustão, com 17% do total de pessoas enterradas do Período (28 indivíduos). A eles seguem-se os homens biológicos, com 6% (10 indivíduos), as mulheres biológicas, com 3% (5 indivíduos) e as crianças, com 1,2% (2 indivíduos).

Adornos

Os adornos são elementos escassos nos funerais, totalizando 22 peças que contam por 13,4% dos sepultados do período. Estas peças estavam associadas a 10 adultos e crianças (6% para cada categoria, frente ao total de pessoas do Período) e a um homem e uma mulher biológica (0,6%).

Estendido

O período revisado possui cerca de 23,1% da sua população em deposição estendida (38 casos); sendo que 6,7% são adultos (11 casos), 1,8% são crianças (3 casos) e 0,6% são homens e mulheres biológicos (1 caso cada).

Fletido

De todas as pessoas enterradas durante o primeiro Período de nosso estudo, 56,7% (93 indivíduos) foram sepultados de modo fletido. Os adultos correspondem a uma fatia de 31% de todos os mortos do primeiro Período – as crianças, 4,8% (8 indivíduos), os homens biológicos, 6% (10 indivíduos) e as mulheres biológicas, 4,2% (7 indivíduos).

Múltiplo

A prática de sepultamentos múltiplos na mesma cova foi raramente realizada nos sambaquis da análise. 4,8% do total da população do período (8 casos) foram assim inumados. 1,2% desse

mesmo total correspondiam a adultos e a crianças, com dois casos cada. Não há dados para os gêneros biológicos neste Período.

Categorias

Agora observaremos a representabilidade de cada variável dentro dos totais das categorias, por período.

Faixas Etárias

Durante o Período I, o total de adultos foi 74; destes, 51 estavam fletidos (68,9%), 39 possuíam mobília funerária (52,7%), 33 estavam em covas (44,5%), 28 apresentavam marcas de combustão (37,8%), 18 estavam tingidos de ocre (24,3%), 11 foram inumados de modo estendido (14,8%), 10 usavam adornos (13,5%) e apenas 2 faziam parte de uma sepultura plural (2,7%).

As crianças contabilizavam 27 indivíduos durante o Período I – por volta de um terço do total de adultos. 12 crianças (44,4% do total de crianças do Período) mantinham consigo mobília funerária, 11 estavam avermelhadas pela aplicação de ocre (40,7%) e 10 estavam adornadas (37%). 8 infantes foram enterrados de modo fletido (29,6%) e 4 foram sepultadas em covas como parte de sepultamentos múltiplos (14,8% para cada variável). Apenas 2 tinham evidências de queima (7,4%), talvez uma relação acidental por suas covas serem fossas culinárias.

Gêneros Biológicos

Dos 12 homens biológicos que foram sepultados no Período I, 11 (91,6%) estavam em covas, 10 apresentavam traços de combustão (83,3%) e o mesmo valor se aplica para a quantidade de fletidos (idem). 7 (58,3%) estavam acompanhados por mobília funerária e 2 (16,6%) por ocre. Um indivíduo estendido e um adorno também foram documentados (8,3%).

As mulheres biológicas do Período I totalizam 11 pessoas. Destas, 7 estavam fletidas (63,3%), 6 estavam em covas (54,5%), 5 tinham traços de combustão (45,4%), 4 estavam relacionadas ao ocre (36,3%), 3 possuíam mobília funerária (27,2%), 1 possuía adorno e outra estava estendida (9% para cada variável).

Nem homens ou mulheres biológicas foram associados a sepultamentos múltiplos neste Período.

2 Modelos de Sepultamento⁶

Apesar das dificuldades encontradas pela delimitação de sítios ideais, pela arbitrariedade da delimitação de categorias e variáveis, pelo discurso e objetivos dos autores consultados e pelo volume de informação a ser processado; surgiram informações válidas. A quantificação e relação das práticas mortuárias com gêneros biológicos e faixas etárias demonstrou que existem preferências e seleções na conformação ritual deste tipo de evidência arqueológica. A estes conjuntos de relações, modelos de sepultamento, notou-se que a sua coesão ou secessão estava diretamente associada ou a determinada faixa etária, ou a determinado gênero biológico. Isto, acreditamos, nos dá uma certa garantia de que nosso esforço não foi em vão, já que os ritos funerários costumam ser regulados por estas instâncias da vida de uma pessoa (VAN GENNEP, 2014). Apresentamos agora, os modelos estabelecidos e suas características.

Modelo Gomes B (4951-4396)

Provavelmente derivado de práticas que pertencem a momentos anteriores ao início da linha do tempo, o surgimento deste modelo se dá a partir da primeira ocupação do Sambaqui do Gomes. O modo de deposição fletido é utilizado em todas as categorias; a combustão é exclusiva para adultos; às crianças, em resposta, são principalmente associados adornos (primeira aparição de uma relação característica da cultura sambaquieira de modo geral) e ocre (menos casos). A presença do ocre é possível resultado de um contato antigo entre os moradores do sambaqui do Gomes B e do Porto Maurício B e A, caso fossem os únicos ocupantes da costa⁷. Também há um caso de um sepultamento mais elaborado logo no Gomes B, talvez vinculado a evidências de antropofagia cuja prática, que, se existiu, não se sustenta nas amostras dos anos seguintes ou subsistiu em evidências de banquetes funerários.

O modelo Gomes B está associado a uma ascensão populacional que culmina entre 4823 e 4710, data que é o suposto abandono do sambaqui do Rio São João. Este atinge um segundo ápice populacional em 4689 quando do surgimento do Rio Pinheiros, sugerindo um compartilhamento das práticas, no sentido norte-sul (Gomes B/Rio São João/Godo à Rio Pinheiros) e depois o contrário (Rio Pinheiros à Guaraguaçu/Morro do Ouro). Por fim, se mantém relativamente

coeso e estável em sua utilização específica de funebria, centrado quantitativamente no Sambaqui do Rio Pinheiros até o surgimento do Sambaqui do Guaraguaçu em 4396, que começa a praticar desenvolvimentos menores associando as variáveis principais e categorias de modo próprio. O racha definitivo acontece quando o sambaqui do Morro do Ouro, da Enseada, do Guaraguaçu e de Saquarema estão ativos, nos momentos finais do período tratado.

O sepultamento altamente elaborado do Cubatãozinho (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 22-23, 49) parece pertencer a este Modelo.

O São João é contemporâneo e compartilha as práticas de sepultamento fletido, combustão e mobília funerária disseminada, ainda que seus sepultamentos sejam descritos de forma geral. O sambaqui do Godo, com muito menos sepultamentos, possui metade de sua amostra (3 indivíduos) associada aos tratos típicos do Modelo Gomes B.

Modelo Porto Maurício (4840-4700)

Possuindo como referências principais o modo de deposição estendido e a presença de ocre, associado com numerosa mobília funerária e combustão. É provável que as populações praticantes do modelo Porto Maurício e do modelo Gomes B (o próximo) já mantivessem contato periódico desde antes da linha do tempo. Com o passar do tempo e da alternância de ocupações no Porto Maurício (ocupações B e A), e Gomes (ocupações B e A), este modelo desaparece de nosso radar temporal e espacial, aparentando ressurgir, com muitas modificações, apenas no litoral central de Santa Catarina. Não há evidências, contanto, de que estas manifestações representem variações e ramificações diretas do modelo Porto Maurício, que, em nossa análise, parece isolado, mesmo quando comparado ao contemporâneo sambaqui do Godo.

Modelo Rio Pinheiros (4700-4460)

Representando um desdobramento da base fletida e uso de ocre Modelo Gomes B, a característica principal deste modelo é a quase equidade entre sepultamentos adultos e crianças, sendo possivelmente um incremento na mortalidade infantil. O uso do ocre parece estar mais inclinado para as crianças; e, como de praxe, o modo de deposição fletido é a regra. Uma diferença fundamental está na ausência de evidências de combustão – sem que isso signifique o abandono de festins funerários. Admitindo uma certa

margem de erro nas datações, é possível considerar que este Modelo tenha influenciado de forma mais ativa o Modelo Guaraguaçu, de forma contemporânea. Este é o sambaqui mais antigo a apresentar zoólitos, muito embora seu fabrico e uso provavelmente retrocedam mais no tempo.

Modelo Guaraguaçu (4396-3860)

Desenvolvido a partir do núcleo de ligações entre variáveis e categorias do modelo Gomes B, com uma densidade de infantes, as principais inovações do novo sistema incluem a construção de cemitérios com uma possível preferência infantil (Saquarema e Enseada), a exclusividade no uso de combustão em adultos e um aprofundamento do gênero biológico feminino com o ocre ao mesmo nível parcial que já existia com as crianças. A associação com cemitérios infantis parece descender de um sepultamento duplo infantil bastante elaborado no sambaqui do Rio Pinheiros, mais antigo. Mas a foco geográfico destas práticas acaba por se estabelecer entre o sambaqui de Guaraguaçu e Saquarema, em Guaraqueçaba e parece se opor ao modelo imediatamente meridional representado pelo Sambaqui do Morro do Ouro – com o qual se identifica através da popularidade do modo de deposição fletido, combustão exclusiva a adultos e presença recorrente de mobília funerária junto a homens biológicos e crianças, principalmente.

É possível perceber que as variáveis adotadas para cada categoria se repetem em elos mais distantes para suas contrapartes; com a negação da deposição de adorno junto a adultos e a proibição da combustão para crianças. O ocre parece ser utilizado para associar as mulheres às crianças, já que mobília funerária é mais comum entre mulheres e homens. O Sambaqui do Guaraguaçu é o único da análise com mais de dois terços dos esqueletos sexados, o que possibilitou a elaboração destas relações. Confeccionamos a imagem 1 para ilustrá-las. A largura e proximidade das setas indica o nível de força entre as categorias através das variáveis.

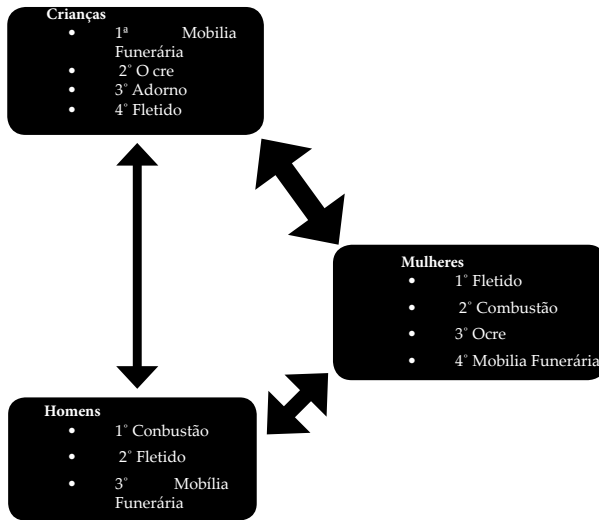


Imagem 1: Sistema de interações entre categorias e variáveis no modelo Guaraguaçu.

Retirado de Pompeu (2015, p. 230).

Assim como o modelo Morro do Ouro, este modelo está vinculado a um ápice populacional que durou de 4070 a 3990.

Modelo Morro do Ouro (4070-3990)

Este modelo parece ser contemporâneo ao estabelecimento do modelo Guaraguaçu e pode estar relacionado a um momento de relações intensas entre a Baía de Guaraqueçaba e a Baía da Babitonga. Também derivado do corpo de noções elaborado pelo modelo Gomes B, neste sistema foi reforçada a presença de adornos entre as crianças, das práticas locais da deposição de zoólitos e da elaboração cuidadosa de tumbas⁸. As crianças deste modelo têm mais ocre e mais adornos do que as do modelo Guaraguaçu – pode-se dizer que o “nível técnico” das oferendas é maior, pelo uso de colares aprimorados (TIBURTIUS, BIGARELLA, BIGARELLA, 1954, p. 160-180), frente aos pingentes simples em pedra de Guaraqueçaba, herdados do modelo Gomes B (MENEZES; ANDREATTA, 1974, p. 24; RAUTH, 1962, p. 63-73; RAUTH, 1968, p. 73-82). A única mulher

que pode ser sexada do Morro do Ouro está com ocre, o que pode ser uma influência setentrional. A combustão, em contraponto com o Modelo Guaraguaçu, é minoritária e não determinante para consolidar os ritos funerários. Também é curiosa a presença contemporânea do sambaqui de Enseada, bem próximo ao Morro do Ouro, que enterrava dentro deste mesmo modelo, com a diferença essencial de uma maioria de casos estendidos e de uma possível preferência por infantes. Neste sambaqui existem dois sepultamentos múltiplos, um adulto e uma criança em cada – variável até então ausente da análise.

A permanência destas práticas no tempo e espaço, a linha do tempo, pode ser avaliada na imagem 2, a seguir:

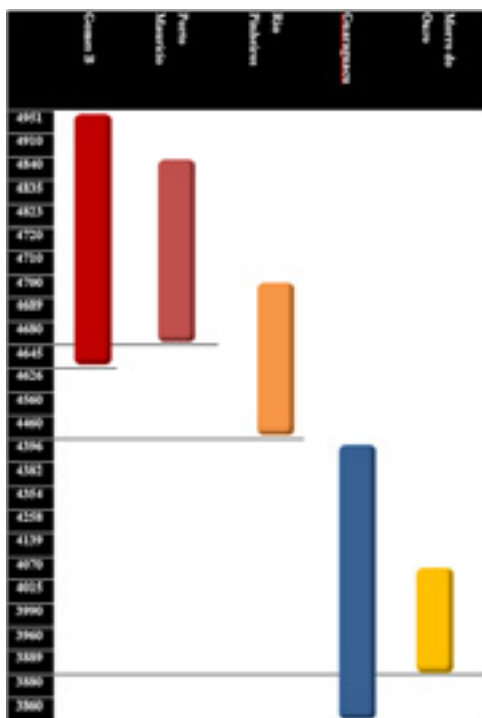


Imagem 2 – Linha do tempo dos Modelos de Sepultamento delimitados.

3 Breves Conclusões

Deste modo, podemos esboçar, muito brevemente, as dinâmicas mortuárias dos sambaquis das regiões estudadas. Reitera-se que as afirmações a seguir se estendem apenas as manifestações arqueológicas passíveis de escavação e registro adequados, excluindo-se todo o universo real representado por sítios não pesquisados ou inoportunos para os critérios estabelecidos. Estes sambaquis representam um campo oculto, que, possivelmente, abriga relações cuja associação aos dados apresentados resulta em dissonância. Sobre este tipo de flexibilidade e injunções possíveis, já escrevia Boas (2014),

Sempre que temos informação detalhada, vemos formas de objetos e costumes em fluxo constante, às vezes estáveis por um período, e depois passando por mudanças rápidas. Através deste processo, elementos que num momento estavam juntos como unidades culturais são despedaçados. Alguns sobrevivem, outros morrem, e, no que concerne a características objetivas, a forma cultural pode se tornar um quadro caleidoscópico de características variadas que, entretanto, são remodeladas de acordo com o pano de fundo espiritual em transformação que penetra a cultura e que transforma o mosaico num todo orgânico. (BOAS, 2014, p. 11-12)

As amostras demonstram uma sequência de fatos que culmina em práticas funerárias afins e cemitérios elaborados com ápices demográficos, como é o caso na relação entre os modelos Guaraguaçu e Morro do Ouro. Outro ponto é a demonstração do processo de interpretação e ruptura dos dois modelos anteriores a partir do que era praticado no modelo Gomes B. Este intervalo se estende durante mil anos. As modificações mortuárias parecem ter acontecido em um momento de alto índice demográfico: ao menos representa o maior ápice populacional em nosso estudo. É importante salientar que os dois períodos ocorreram antes do contato sistemático com grupos vindos da serra (LIMA, 2000, PROUS, 1992), portanto, ocorreu antes da chegada de técnicas de fabricação voltadas para a pesca. Logo, é possível que a dependência de moluscos e a construção de sambaquis fosse associada a outros motivos além da exploração econômica – do qual os ritos funerários podem ser indicadores para o futuro da pesquisa.

De modo geral, nos sepultamentos analisados, a distinção principal residiu no modo de deposição; ou estendido, prática mais restrita; ou fletido, a mais presente. A partir disso, diversas variações e associações entre categorias e variáveis puderam ser avaliadas e estabelecidas como os Modelos funerários. Características cruciais parecem ser festins funerários⁹ exclusivos para sepultamentos de adultos, em que uma relação especial com o ato de cozinhar também pode ser atestada. Em contraparte, crianças têm percentualmente mais mobília funerária, ocre e adornos que adultos em geral. Assim, o universo mais recorrente da morte possui uma conotação de fertilidade e nutrição com os festins funerários, sugerido também pela maturidade sexual dos cadáveres. Já as conexões dos infantes com o além ainda são truncadas pelo excesso de elementos presentes, cujo significado, por enquanto, apenas podemos especular.

Embora as linhas gerais de um padrão predominante no trecho de espaço e tempo considerados sejam estas, são detectáveis discrepâncias que escapam às noções que elaboramos, ainda que sejam ressaltadas por elas. Sobre zoólitos e os funerais sambaquianos, por exemplo, é possível traçar uma distinção regional entre o uso e o desuso das esculturas como mobília funerária. Enquanto na baía da Babitonga, Modelo Morro do Ouro, existe uma relação estabelecida entre a morte e os zoomorfos, com dois sepultamentos profundamente elaborados, na baía de Guaraqueçaba a situação é inversa: apenas no período de contemporaneidade entre o Modelo Guaraguaçu e o Modelo do Ouro que começam a surgir esculturas no Paraná. Posteriormente, com a fundação e ocupação do sambaqui de Matinhos, cerca de mil anos depois¹⁰, o número de peças aumenta decisivamente (PROUS, 1974, p. 63).

Não apenas o tráfego de zoólitos indica um deslocamento de ideias e crenças, como a própria transição e estabelecimento de práticas funerárias de um sítio para o outro, em continuidade temporal.

Este panorama rico, até então inexplorado de tal forma nestes sítios deve ser associado no futuro com outras referências materiais da cultura sambaquieira na expectativa de que mais possa ser revelado sobre estes construtores de cemitérios monumentais.

Notas

- 1 Godo (RAUTH, 1969), Gomes (RAUTH, 1968), Guaraguaçu (MENEZES; ANDREATTA, 1971), Porto Maurício (RAUTH, 1968), Rio São João (RAUTH, 1971) e Saquarema (RAUTH, 1962).
 - 2 Cubatãozinho (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960), Enseada (BECK, 2007), Morro do Ouro (BECK, 2007; TIBURTIUS, 1996), Ponta das Almas (PIAZZA, 1966), Rio Pinheiros (TIBURTIUS; BIGARELLA; BIGARELLA, 1954).
 - 3 Este total de fato varia entre 160 e 172, devido aos seis sepultamentos do Sambaqui do Godo, cujas duas datações não estão associadas a qualquer localização espacial em sentido vertical.
 - 4 Todas as datações são Antes do Presente (1950).
 - 5 Ventral, dorsal ou lateral.
 - 6 O modelo Ponta das Almas não será descrito.
 - 7 O que é inviável, mas sugere um contato, pelo menos, entre estas duas populações.
 - 8 Não obstante, devido à ausência da localização vertical da datação dos sambaquis do Cubatãozinho e do Morro do Ouro, é impossível saber com precisão quando zoólitos começaram a participar da parafernália ritual da morte.
 - 9 Ver Klokler (2008).
- 10 2750 ± 250 (CHMYZ, SGANZERLA; SGANZERLA, 2003).

Referências

BANDEIRA, D; OLIVEIRA, E. L.; STEINBACH, J. **Culturas e Meio Ambiente Pré-coloniais da Baía da Babitonga: O Conjunto de Sambaquis da Foz do Rio Cubatão**. Joinville, Santa Catarina. Etapa II. Relatório Destinado à FAPESC. Joinville, 2010.

BECK, A. A Variação do Conteúdo Cultural dos Sambaquis de Santa Catarina. **Clássicos da Arqueologia**. Erechim: Habilis, 2007.

BOAS, F. **Arte Primitiva**. Porto Alegre: Vozes, 2014.

CHMYZ, I., SGANZERLA, E. M., CHMYZ, J. C. G. Novas contribuições para o estudo do sambaqui de Matinhos no Estado do Paraná. **Arqueologia**. Número especial. Curitiba, v. 1, 2003, p. 1-55.

FISH, S. DEBLASIS, Paulo. GASPAR, M. FISH, P. Eventos Incrementais na Construção de Sambaquis, Litoral Sul do Estado de Santa Catarina. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. V. 10. 2000. P. 69-87.

FOSSILE, T. **Peixes na alimentação de povos pré-coloniais: Estudo ictioarqueológico do Sambaqui Cubatão I**. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas). Departamento de Ciências Biológicas. UNIVILLE, Joinville. 2014.

GARCIA, C. R. Nova datação do sambaqui Maratuá e considerações sobre as flutuações eustáticas propostas por Fairbridge. **Revista de Pré-História**. v. 1. n. 1. São Paulo: Instituto de Pré-História. 1979. p. 15-30.

GASPAR, M, D. **Sambaqui**: arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000.

GASPAR, M, D., BUARQUE, A., CORDEIRO, E., ESCORCIO, E. Tratamento dos mortos entre os Sambaquieiros, Tupinambá e Goitacá que ocuparam a Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. n. 17. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, 2007. p. 169-189.

HURT, W. R. Recent radiocarbon dates for central and southern Brazil. **American Antiquity**. v. 30. n. 1. Society for American Archaeology. 1964. p. 25-33

KLOKLER, D. **Food for Body and Soul**: mortuary ritual in shellmounds (Laguna-Brazil). Tese (Doutorado em Filosofia). Departamento de Antropologia. Universidade do Arizona. 2008.

KLOKLER, D. Adornos em concha do sítio Cabeçuda: revisita às amostras de Castro Faria. **Revista de Arqueologia**. v. 27. n. 2. 2014. p. 150-169.

LAMING-EMPERAIRE, A. Missions Archéologiques françaises au Chili Austral et au Brésil Meridional. **Journal de la Société des Americanistes**. Tome 57. Paris: Musée de L'Homme. 1968. p. 77-99.

LIMA, T. A. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centrosul do Brasil. **Revista USP**. São Paulo: Universidade de São Paulo. 1999/2000. p. 272-327.

MENEZES, M. J.; ANDREATTA, M. D. Os sepultamentos no sambaqui "B" do Guaraguaçu. **O Homem Antigo na América**. São Paulo: Instituto de Pré-História. 1971. p. 5-20.

ORSSICH, Elfriede. A propósito de sepulturas em sambaquis. **Cadernos de Arqueologia**. Ano II, nº2, 1977. Curitiba: Universidade do Paraná. p. 73-76.

POMPEU, F. **Cronologia e Práticas Funerárias dos Sambaquis dos Estados do Paraná e Santa Catarina (4951-2850 AP)**. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, PUCRS. 2015.

PIAZZA, W. Estudos de Sambaquis (Nota Prévia). **Série Arqueologia**. n. 2. Florianópolis: Instituto de Antropologia. 1966. p. 72

PIAZZA, W.; PROUS, A. *Documents pour la préhistoire du Brésil méridional*. 2. L'État de Santa Catarina. Cahiers D'Archéologie D'Amérique du Sud. Paris: École des Hautes Études em Sciences Sociales. 1977.

PROUS, A. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. **Dédalo**. Ano X. N. 20. Dezembro, 1974. P. 11-127.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora da UNB. 1992.

RAUTH, J. W. **O Sambaqui de Saquarema, S.10.B - Paraná - Brasil**. Curitiba: Conselho de Pesquisas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: Universidade do Paraná. 1962. p. 73.

RAUTH, J. W. O Sambaqui do Gomes, S.11.B - Paraná - Brasil. **Arqueologia**. n. 4. Curitiba: Conselho de Pesquisas da Universidade Federal do Paraná. 1968. p. 99.

RAUTH, J. W. Nota prévia sobre a escavação arqueológica do Sambaqui do Godo. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**. 3. Resultados Preliminares do Terceiro Ano, 1967-1968. Publicações Avulsas n. 13. Belém: Universidade do Pará. 1969a. p. 75-99.

RAUTH, J. W. Nota prévia sobre a escavação do sambaqui do Rio Jacaré. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 5: Resultados Preliminares do Quinto Ano 1969-1970**. Publicações Avulsas. n. 26. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 1974a. p. 91-104.

RAUTH, J. W. Escavação arqueológica do Sambaqui G. II – S. 28 – R. **Revista de Antropologia**. Curitiba: Universidade do Paraná. 1974b. p. 27-106

SILVA, S. F. S. M. da. **Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do Estado de São Paulo**. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. USP. 2005.

TIBURTIUS, G. **Arquivos de Guilherme Tiburtius**. I. Joinville: Museu Arqueológico do Sambaqui de Joinville. 1996.

TIBURTIUS, G.; BIGARELLA, I. K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. **Pesquisas**. Antropologia. n. 7. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas. 1960. p. 1-51.

TIBURTIUS, G.; BIGARELLA, I. K.; BIGARELLA, J. J. Contribuição ao estudo dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina II: O sambaqui do Rio Pinheiros (Nº 8). **Arquivos de Biologia e Tecnologia**, v. 9. Curitiba: Universidade do Paraná. 1954. p. 141-197.

UBELAKER, Douglas. Human Skeletal Remains. Washington DC: Taraxacum. 4. ed. 1984.

VAN GENNEP, A. **Ritos de Passagem**. Porto Alegre: Vozes. 2014.

VILLAGRAN, X. S. **Estratigrafias que falam**: Geoarqueologia de um sambaqui monumental. São Paulo: Annablume, 2010.